

O germinar do ser: os cantos e os campos de Maria Carpi

MARCELA WANGLON RICHTER

Doutoranda – PUCRS



Se os símbolos retornam é porque são inesgotáveis. Não sou angelical, mas telúrica. Certa vez afirmei que eu não escrevo ou leio as imagens. Eu as vejo. E muitas vezes eu sou a árvore, a semente, o fruto. E me transponho para a escritura, através de metáforas que são o prodigioso recurso poético de transferência de um sentido opaco para um sentido luminoso.

(MARIA CARPI)

Luz do sol beijando o orvalho nas manhãs outonais do Sul.

A poesia de Maria Carpi é beleza – pascigo para nossa fome original, mas igualmente iniciação – epifania e consciência.

Poeta gaúcha da cidade de Guaporé, Maria Carpi publicou seu primeiro livro, *Nos gerais da dor* (1990), aos 51 anos. Desde a primeira publicação tem sido premiada e vem recebendo não apenas o reconhecimento da crítica, mas também de grandes poetas e escritores brasileiros, entre eles, Thiago de Mello, Armindo Trevisan, Manoel de Barros, Ferreira Gullar e Nélide Piñon. A poeta já ofereceu aos seus leitores mais dez obras: *Desiderium desidevari* (1991), *Vidência e acaso* (1992), *Pequena antologia* (1992), *Os cantares da semente* (1996), *Caderno das águas* (1998), *A migalha e a fome* (2000), *A força de não ter força* (2003), *As sombras da vinha* (2005), *O herói desvalido* (2006) e *Abraão e a encarnação do verbo* (2009).

Regida pelo princípio da reflexão, a poesia de Maria Carpi indaga os fundamentos do existir e nos compele a meditar sobre nossa orfandade. Suas ervas, palavras de raiz e puro esplendor, chegam à constância de um ritmo todo seu: sempre no exato tempo de florescer. São sem amarras, essas ervas. Alastram-se alma adentro e renovam os campos.

A obra de Maria Carpi não dá respostas aos seus leitores, mas problematiza seu estar-no-mundo, desgarrando para que ele renasça com a dor do desencontro e com a esperança da possibilidade. O jogo contrastivo entre aquilo que o homem é e aquele que ele deseja ser define um dos fundamentos do pensamento poético de Maria Carpi, cuja força elege a Terra como símbolo poético capaz de agregar a vivência caótica da sociedade moderna ao devaneio de

unidade interior. Ordem e desordem encontram no mito a raiz de seu diálogo. Terra, ventre de origem. Palavra, sementeira do mito.

O mesmo processo opositivo que permite vislumbrar a obra de Maria Carpi como espaço conformador do discurso do mito e da história assevera o vínculo entre o indivíduo e o social, o sagrado e o secular. Poética da confluência, a grandeza da obra de Maria Carpi confere feição universal àquela poesia que se ressentia em permanecer constringida aos limites do chão sul-rio-grandense.

Terra profunda, palavra grandiosa...

Entrevista com Maria Carpi

■ **Marcela Richter** – Jorge Luis Borges afirmava que os livros são apenas ocasiões para a poesia. Para o mestre argentino, o poético consiste em um modo de ser do homem e transcende os limites da palavra. A despeito de estreitar a proximidade entre o homem e um sentimento de mundo especial, Borges relatou que, toda a vez em que se deparava com a página em branco, precisava redescobrir a literatura para ele mesmo. Para Maria Carpi, a escritura de um novo poema ou de uma nova obra é sempre uma experiência inaugural?

□ **Maria Carpi** – Não só os livros, mas as vivências são “ocasiões” para a poesia. Basta nossa vida sensorial estar atenta e a ela estar conectado o intelecto para abrir janelas ao poético. Também concordo que o poético é “um modo de ser do homem”, um modo mais pleno, apurando todos os sentidos para ver e escutar a pulsação da vida. O poético inaugura uma atmosfera. Percebemos a poesia só com a respiração, o ritmo. Sempre que adentro num novo tema poético, sinto que estou compartilhando da construção da morada do homem. Eu não inovar, mas

coloco mais uma tábua ou um tijolo. E talvez, uma mesa para repartir o pão.

■ **MR** – Frequentemente, os críticos que se dedicam ao estudo de sua obra chamam atenção para a permanência de certos temas, tais como a dor, o desejo, a fome e o amor. Em seu processo de criação, como ocorre a escolha de um tema a ser trabalhado? Contemporaneamente, quais são os assuntos que mais lhe sensibilizam e poderiam motivá-la a escrever?

□ **MC** – Eu pretendo deixar uma visão de mundo através de minha sensibilidade poética. No início fui tateando, como um cego, com as mãos procurando as coisas. Pelo tato e olfato. Sempre me apaixono por um tema, os núcleos temáticos. E eu vou desenvolvendo-o, como uma partitura musical. Há temas que são fortes, eles nos perpassam. Por isso, surge o livro, a sua contenção poética. Lembro os livros: *A migalha e a fome* e *Os cantares da semente*. O contraponto da migalha e a fome, assim como a esplêndida e nunca esgotada metáfora da semente, tomaram conta de mim. Não seria uma escolha. Eles me invadem. Meu primeiro livro publicado, *Nos gerais da dor*, que aborda a dor individual, a dor coletiva e o elegido da dor, foi mais do que uma reflexão poética, mas um estar com os demais. Acabei de escrever um livro de poesia *O perdão imperdoável* e pela primeira vez, uma prosa poética, *Abraão e a encarnação do verbo*. Esse último texto, tem-me feito refletir sobre a esperança de Abraão, que o apóstolo Paulo chamou paradoxalmente de “a esperança contra a esperança”. Porém, como a minha obra inédita é mais vasta do que a pouca publicada, talvez esteja na hora de reler o escrito.

■ **MR** – Além da diversidade de temas apontados pela crítica, penso que algumas de suas indagações migram de um livro para outro e conferem identidade poética a sua obra. Destacaria, assim, a tematização do eterno, o processo de amadurecimento e iluminação interior do ser, a busca por justiça social e fraternidade. Parece-me que sua poesia não separa o social do espiritual, não pensa o sujeito desgarrado de seu contexto de pertencimento. Gostaria de ouvir algumas considerações sobre esse aspecto fundamental de seu trabalho.

□ **MC** – As minhas indagações poéticas, como bem dizes, migram de um livro para outro. É uma grande tessitura. Penso que não vou deixar livros esparsos. Assim como os poemas de um livro se concatenam em torno ao tema, os livros todos vão formar um só livro. Uma vez afirmei que a prosa busca ser literatura e a poesia não quer ser literatura, ela quer ser rosto. Penso que nós nunca fomos expulsos do paraíso terrestre. É só ter olhos para ver a beleza do universo. Eu gostaria de que o homem volta-se a recuperar o que perdeu e continua perdendo por

ato próprio. Somos especialistas em formar corporações e esquecemos de ser comunidade. Eu gostaria, entre tantas desfigurações, encontrar o rosto.

■ **MR** – Sua obra é pródiga em lançar um olhar reflexivo sobre o objeto de elocução poética, num anseio de transpor a aparência das coisas. Nessa busca por algo que não é plenamente visível, sua poesia adquire uma feição epifânica, característica que aproxima mística e gênero lírico. Considerando as particularidades referidas, a senhora diria que muitos dos seus poemas favorecem a aparição do Sagrado?

□ **MC** – O sagrado mais se anuncia num templo em ruínas. Ou como disse João da Cruz, eu percebo essa fonte mesmo de noite. Gosto de entrar em baldios, juntar o desperdício, alinhar-me às ervas. Se é epifânico descobrir o Mestre sob as vestes de um pastor de ovelhas, que seja!

■ **MR** – A imagem primordial da Terra é constantemente evocada em sua poesia e suscita um conjunto de símbolos intrinsecamente relacionados. Saliento, nessa direção, a árvore, a semente, a flor e o fruto como presenças recorrentes em sua obra. Gostaria que a senhora fizesse uma reflexão sobre tais imagens, referidas em sua poesia.

□ **MC** – Se os símbolos retornam é porque são inesgotáveis. Não sou angelical, mas telúrica. Certa vez afirmei que eu não escrevo ou leio as imagens. Eu as vejo. E muitas vezes eu sou a árvore, a semente, o fruto. E me transponho para a escritura, através de metáforas que são o prodigioso recurso poético de transferência de um sentido opaco para um sentido luminoso.

■ **MR** – Em sua poética, é frequente a exploração dos contrários. São constantes as presenças de jogos antitéticos, como luz e trevas, desejo e renúncia, coragem e desvalia, amor e falta, entre outros. Poderíamos dizer que Maria Carpi é uma poeta dialética? É possível estabelecer um vínculo entre a sua poesia e o pensar filosófico?

□ **MC** – Eu gosto dos paradoxos e oximoros. Aproximei-me de Abraão pelo paradoxo. Eu não seria dialética a maneira racional de Hegel, mas de Kierkegaard. Kafka é também dialético. Todos os profetas foram dialéticos. A semente é dialética, ela tem de ser enterrada e apodrecer para erguer nova árvore. A vida é dialética, tens de perdê-la para ganhá-la. E mais aprecio a leitura filosófica na escrita dos grandes pensadores que empregam uma linguagem poética. A filosofia e a poesia não se separaram, apenas se separaram os escritores e escolas.

■ **MR** – Como a senhora imagina o seu leitor? Preocupa-se com a recepção de seus poemas?

□ **MC** – Eu sou apaixonada pela lentidão. Não tenho pressa. Escrevo, publico e deixo acontecer. Só publiquei

o primeiro livro aos cinqüenta e um anos. O encontro dialógico entre o poema escrito e o leitor é muito sagrado. Até a minha pessoa física se retira. Mas eu não sou parâmetro de ninguém. Esse é o meu ritmo e vocação.

■ **MR** – A história da literatura mostra que a lide das mulheres escritoras perfaz um contexto de muitas lutas e de muitos silêncios. Como a senhora percebe sua poesia no âmbito dessa tradição de escrita?

□ **MC** – São poucos os grandes escritores que logo foram reconhecidos. A maioria passou por um “contexto de muitas lutas e muitos silêncios”. Faz parte da lavoura da escrita. Alguns semeiam e outros, bem depois, colhem. E a mulher também escreve esse livro de persistência. Acredito que a ela ainda estão reservadas as melhores páginas. Lembro das Bodas de Caná: quem bebeu por último, bebeu o melhor vinho.

■ **MR** – Em sua formação de poeta, quais são os escritores que mais lhe marcaram? Com quais vozes da Literatura Maria Carpi poderia compor um coro?

□ **MC** – Eu tornei-me escritora já madura, pois poeta sou desde o ventre de minha mãe. Poeta é se inserir no milagre da vida. Escritora é muita disciplina e constância. Uma teimosia poética. Sempre preferi os livros que aliam a beleza à verdade, mesmo que seja uma difícil verdade, a abdicarmos de idolatrias e preferências. Percebo quando um autor está escrevendo sobre a própria pele. Todos, mais que marcas, me alimentaram. Apenas cito o assombro que foi quando meu pai deu-me de presente as obras completas de Lorca e li por primeira vez a *Invenção de Orfeu* de Jorge de Lima. Seria uma honra compor um coro, mesmo que de contraponto, com os escritores que tornam o mundo mais fraterno.

■ **MR** – Em 2009, a senhora publicou sua obra mais recente, *Abraão e a encarnação do verbo*. Gostaria que comentasse o projeto de criação do livro. Como surgiu a ideia de recuperar a figura bíblica de Abraão?

□ **MC** – Abraão sempre me fascinou. É um dos mais ricos personagens da Bíblia que contestava, barganhava, face a face, com Jeová. Há dez anos tive uma intuição poética sobre o paradoxo de Jeová prometer-lhe uma descendência maior que as estrelas do céu e depois pedir-lhe como prova de fé, o holocausto do filho da velhice. Nunca pensei em escrever sobre a mesma, pois teria de ser no gênero prosa ou reflexão poética. Mas, quando coloquei a mesma no computador, os demais escritos foram surgindo, sempre tendo como fio condutor a figura de Abraão. Escritos que falam da fé como *disponibilidade para exercer o bem*. E a convocação do homem ético: aquele que deseja viver em instituições justas. Foi um desafio. Necessitei de muita coragem e humildade para

publicar esse livro. Ele não é apologético. Apenas recolhi os passos de Abraão poeticamente.

■ **MR** – Para Martin Heidegger, o poeta tem o papel de promover o diálogo místico entre o homem e uma consciência superior, na medida em que deve ouvir o canto dos deuses para, através da poesia, comunicá-los aos homens. Gilbert Durand postula que os poetas ocupam posição intercalar no cosmos, enfatizando que a função da arte lírica é restabelecer o equilíbrio mítico em nossas sociedades, onde reina a miséria e a violência. Gostaria de saber sua opinião sobre as questões enfatizadas pelos dois pensadores.

□ **MC** – Os escritos de Martin Heidegger são de uma linguagem altamente poética. Comove-me a alta responsabilidade que ele confere à poesia, tendo o poeta como o guardador da morada do ser. Mesmo quando analisa filósofos, como Heráclito e Parmênides, o faz com o mais aguçado senso poético. Ninguém como ele analisou Hölderlin. É uma metáfora essa de ouvir o “canto dos deuses”. Eu prefiro ouvir o canto dos homens, que sendo precários e efêmeros ainda cantam. E ao “equilíbrio mítico de nossas sociedades”, prefiro a harmonia da fraternidade e da justiça social.

■ **MR** – Para Gaston Bachelard, o poeta revela o ser das coisas e também se revela, ao deixar uma visão da vida perpetrada em seus escritos. O que a poeta Maria Carpi quer deixar ao mundo, com a sua poesia?

□ **MC** – Muito aprecio todos os escritos de Bachelard. Ele me fez ver que as minhas “distrações” eram o melhor de mim pelo direito de sonhar. Um remédio para a nossa sociedade de consumo. Eu ainda não sei, ainda estou a caminho e também não sei avaliar o que deixarei ao mundo, além dos meus despojos. Num verso digo: eu posso não ter existido, mas eu amei.

Lista dos 10 livros mais lidos e consultados por Maria Carpi, na ordem fornecida pela poeta:

- *O homem e o divino e A metáfora Viva*, de Maria Zambrano.
- *Totalidade e infinito*, de Levinas.
- *Do diálogo e do dialógico*, de Buber.
- *A memória, a história e o esquecimento e O justo*, de Paul Ricoeur.
- *Paixão intacta*, de Steiner.
- *Opressão e liberdade e A gravidade a graça*, de Simone Weil.
- *O livro por vir*, de Blanchot.
- *Caminhos do bosque e Aclarações sobre a poesia de Hölderlin*, de Heidegger.

Recebido: 19 março de 2010

Aprovado: 20 abril de 2010